

RODOLFO MESQUITA

DESENHOS





JOVEM RETRATO DO ARTISTA QUANDO

O desenho de Rodolfo Mesquita é o trabalho que mais me emociona de toda a produção gráfica jovem no Brasil. Digo jovem e já o digo pagando este imposto devido às classificações, pois o desenho de Rodolfo é tão nitidamente maduro que parece estranho que só agora comece a ser exposto, como se de repente, em uma reunião, aparecesse um estranho que no entanto esteve na sala sempre, desde o princípio.

Já se vê que Rodolfo é arredo. E, contudo, tão objetivo quanto a intervenção literal de seu desenho. E sem reservas: capaz de expor sua moralidade sem que o véu da "Arte" lhe sirva de antolho.

Este retrato que lhe faço, tão mais da pessoa que imediatamente do seu trabalho encontra sua razão, psicológica até, no fato de Rodolfo manobrar muitos de seus desenhos como cenários povoados. (Simulacro de cidades e personagens insistentemente verdadeiros e vice-versa, as coisas e os entes tomados como se fossem. Daí seu realismo, que o papel de desenho e sua delgada dimensão é um mundo como se).

Como encenador, ele desenhista, pode emprestar sua biografia. Não está obrigado a realizar a obra fixa de um desenho mas pode realizar uma ideografia e um mapeamento em escala real do seu mundo pessoal.

Impossível deixar de retratá-lo, como

impossível evitar que ele fale. Inadmissível corta-lhe as legendas. Frase de espírito, trocadilho, mote piedoso em passant, rasante comentário, imprecação cruel, discursos, ruído de lágrimas enxugadas, curioso ruído de um esgar mudo, enumerações caóticas e ordenados conceitos, às vezes estúpidos.

(Tenho um desenho seu em que uma vaca sopra dentro de um "balão" demasiado humano para ela, um melancólico mugido). Ao retratá-lo, difícil dar-lhe uma expressão maligna. O grotesco de seu desenho não bebe o veneno adolescente da cólera, daí que seu olho seja mais terrível ao discernir com frieza os paralelismos entre o mundo real e suas alegorias autogeradas. (Estranha crueza esta divisão entre a arte e a vida alegórica do mundo real, maldita, talvez como a Venus de Rimbaud, "avec une ulcère a l'anús", quando a cadência do verso esconde (?) a ferroz corrosão da alma. Acho também muito difícil fazer-lhe um retrato de gênero. Apresentá-lo como um artista que deve vender desenhos, na suposição de que desenhos são peças de arte a serem afixadas à parede antes mesmo de serem um drama pessoal e até mais gravemente, já se vê, — impessoal, riscado quase que às escondidas. Só o faço por saber que seu desenho é capaz de resistir à chateação deste paradoxo.

João Câmara — Olinda — 1974.

RODOLFO MESQUITA

- 52 — nasceu em Recife, onde vive e trabalha.
- 65 — primeiros trabalhos.
- 66/72 desenhos e trabalhos diversos.
- 73 — série de desenhos. Exposição coletiva - Casa de Olinda.
- 74 — coletiva — Officina.
individual — Instituto Goethe — Salvador-BA
Prêmio de Aquisição — I Salão de Arte Global de Pernambuco.

INVENTÁRIO PROVISÓRIO

"first I think and then I draw a line round my think" (sic); "depuis que les généraux ne meurent plus à cheval, les peintres ne sont plus obligés de mourir à leur chevalet" (marcel duchamp); os velhos sapatos redondos de pieter bruegel, o velho.

INVENÇÃO: essa magia sem nenhuma magia e por isso mesmo. . . formando relações de sentidos, inventando (?) significados a partir de abstrações formais: linhas, ponto, duas linhas, massas, planos, ponto por ponto, infinitas possibilidades de variações, porém rigorosamente definidas por alguns, poucos elementos básicos.

nenhuma "mágica", ou melhor, nenhum truque de mágico, nada meramente encantatório; tudo aí é concreto e real, território da ficção. desordem e acidente, azar e aventura; a plena consciência de nossa precariedade, dia a dia, cotidiana matança & melancolia & tentativas de sobrevivência: reduzido a um retângulo branco, suporte material, superfície para anotações, área-livre.

ampliando o retângulo branco, o que informa o olho: bruegel, sempre, rembrandt, goya, klee, e steinberg; gravuras antigas anônimas, toda uma "tradição" do sorriso lúcido, a gravura de dürer, o olho de outros tempos, e, obviamente, duchamp, cálculo & irreverência, humor & riso, ou seja, a vida: RROSE SÉLAVY, apontando para uma outra direção.

outros materiais: qualquer desenho que caia nos meus olhos e cabeça, fotografias, o que se

costuma chamar de fotos escabrosas, outras fotos, desenho de publicidade, gente viva ou morta que anda pelas ruas carregando seus corpos, desenhos de máquinas, "esquemas técnicos explicativos", plantas cartográficas, mecanismos sinistros e inúteis sofrendo de gigantismo (talvez por terem sido mal projetados)...

GRÁFICOS: uma palavra que leva a uma imagem, uma imagem que arrasta a outra palavra, uma citação impertinente, imagem com imagem, traço com traço formando relações intercambiáveis, sentidos fixos e sentidos aleatórios, trocadilhos visuais, um gráfico variável montado a longo prazo, num projeto quase "didático" de "apresentação" do desenho.

tantas palavras, exercícios de não-loucura, delírio calculado, inventário de bolso, alguma lírica ironia, suave, amena, sutil e feroz perscrutação.

tradução, citação, re-citação, repetição, apropriações. designar tudo que cai debaixo do meu nariz e na frente dos olhos e atrás e tudo; a matéria bruta que cai na nossa cabeça todo dia, essa matéria para um possível desenho.

já que as receitas não existem, todo jogo é permitido no âmbito dessa superfície branca de papel schoellers hammer.

P.S.: "a la mano hay que dejarla hacer lo que se le da en las pelotas". — julio silva (desenhista).

Rodolfo Mesquita — abril/74.

STVDIVS GALERIA

18A28SET74
RUA DAS LARANJEIRAS, 498
RIO DE JANEIRO - GB

